

Aprendizagem e bem-estar. O legado da Lição do Silêncio de Montessori

Alberto Filipe Araújo & Joaquim Machado
de Araújo

Resumo:

A literatura sobre o silêncio realça a sua importância para a atenção e a escuta. O tema tem sido abordado sobretudo na dimensão comunicacional, na relação interpessoal e no conhecimento intrapessoal, como fenómeno ora positivo ora negativo, numa pluralidade de formas e funções. Na área educacional, destaca-se a Lição do Silêncio de Maria Montessori, cuja análise visa compreender a conceção e níveis de silêncio na pedagogia montessoriana e as condições de êxito da exercitação do silêncio interior pelas crianças, bem como refletir sobre a relevância atual da sua proposta numa escola focada na aprendizagem e no bem-estar. O estudo hermenêutico identifica conceitos, como ordem, imobilidade, atividade espontânea, liberdade e disciplina, que dão sentido ao silêncio pedagógico. A Lição do Silêncio compreende características dos exercícios de silêncio com vista ao desenvolvimento da acuidade educativa e à adoção de uma atitude de meditação, assim como assinala conexões com atuais práticas de mindfulness com vista à promoção do bem-estar das crianças. O estudo realça ainda a abertura da proposta de Montessori para uma via mais profunda de silêncio favorecedora da elevação espiritual como parte da formação integral.

Palavras-chave:

silêncio interior; disciplina; elevação espiritual

Learning and well-being. The Legacy of Montessori's Lesson in Silence

Abstract: The literature on silence emphasizes the importance of silence for attention and listening. The theme has been addressed mainly in the communicational dimension, in interpersonal relationships and in intrapersonal knowledge, as a sometimes positive and sometimes negative phenomenon, in a plurality of forms and functions. In the educational arena, the Lesson in Silence by Maria Montessori stands out. In this paper we aim to understand the conception and levels of silence in Montessorian pedagogy and the conditions for success in the exercise of inner silence by children, as well as to reflect on the current relevance of its place in a school focused on learning and well-being. This study hermeneutic attempts to identify concepts (order, immobility, spontaneous activity, freedom, discipline) that give meaning to pedagogical silence, to highlight characteristics of the exercises of silence with a view to the development of educational acuity and the adoption of a meditation attitude, as well as pointing out connections with current *mindfulness* practices aimed at promoting children's well-being. It also attempts to highlight the openness of Montessori's proposal for a deeper path of silence that favours spiritual elevation as part of integral formation.

Keywords: inner silence; discipline; spiritual elevation

Apprentissage et bien-être. L'héritage de la leçon de silence de Montessori

Résumé: La littérature sur le silence souligne son importance pour l'attention et l'écoute. Le sujet a été abordé surtout dans la dimension communicationnelle, dans la relation interpersonnelle et dans la connaissance intrapersonnelle, comme phénomène tantôt positif, tantôt négatif, dans une pluralité de formes et de fonctions. Dans le domaine de l'éducation, la Leçon de Silence de Maria Montessori dont l'analyse vise à comprendre la conception et les différentes dimensions de silence dans sa pédagogie et les conditions de réussite de l'exercice du silence intérieur par les enfants, et aussi réfléchir sur la pertinence actuelle de sa proposition dans une école axée sur l'apprentissage et le bien-être. L'étude herméneutique identifie des concepts, tels que l'ordre, l'immobilité, l'activité spontanée, la liberté et la discipline, qui donnent un sens au silence pédagogique. Ce silence se traduit sous forme d'exercices en vue du développement de l'acuité éducative et de l'adoption d'une attitude de méditation, ainsi que les liens avec les pratiques actuelles de *mindfulness* en ordre à la promotion du bien-être des enfants. Notre réflexion met également en évidence la proposition de Montessori pour une voie plus profonde de silence qui favorise l'éveil spirituel comme partie de la formation intégrale.

Mots-clés: silence intérieur; discipline; éveil

Aprendizaje y bienestar. El legado de la Lección del silencio de Montessori

Resumen: La literatura sobre el silencio destaca su importancia para la atención y la escucha. El tema se ha abordado sobre todo en la dimensión comunicacional, en las relaciones interpersonales y en el conocimiento intrapersonal, como fenómeno positivo o negativo, en una pluralidad de formas y funciones. En el ámbito educativo, destaca la *Lección de Silencio* de María Montessori, cuyo análisis pretende comprender la concepción y los niveles del silencio en la pedagogía de Montessori y las condiciones para el éxito del ejercicio del silencio interior por parte de los niños, así como reflexionar sobre la actualidad de su propuesta en una escuela centrada en el aprendizaje y el bienestar. El estudio hermenéutico identifica conceptos como orden, inmovilidad, actividad espontánea, libertad y disciplina, que dan sentido al silencio pedagógico. La *Lección de Silencio* comprende características de los ejercicios de silencio para el desarrollo de la agudeza educativa y la adopción de una actitud meditativa, así como vínculos con las prácticas actuales de *mindfulness* para promover el bienestar de los niños. El estudio destaca aún la apertura de la propuesta de Montessori para un camino más profundo de silencio favoreciendo la elevación espiritual como parte de la formación integral.

Palabras Clave: silencio interior; disciplina; elevación espiritual

Introdução

O debate sobre a educação tende frequentemente a negligenciar o papel que o silêncio desempenha na aprendizagem (Caranfa, 2004, pp. 211-230), apesar da importância que ele assume na literatura sobre os temas da atenção e da escuta, sobretudo na dimensão comunicacional, na relação interpessoal e no conhecimento intrapessoal. O silêncio, nas suas vertentes interior e exterior, positiva (quando é fruto voluntário e empenhado do sujeito) ou negativa (o ato de ser impedido de falar), assume diferentes formas e funções, é tratado sob um conjunto amplo de perspectivas, a filosófica, a religiosa, a estético-literária-musical, a pragmático-linguística e comunicacional.

No nosso caso é a perspectiva pedagógica do silêncio que é o objeto principal da nossa atenção, ainda que aquelas, anteriormente citadas, possam aflorar (Lees, 2012). Estudando o silêncio como fenómeno positivo (Rassam, 2017; Picard, 2019) no campo educacional, Helen Lees considera-o “um estado de espírito (...) criado por experiências de muitos tipos” e “um dom”, porque “envolve uma sensação de bem-estar que não precisa de ser discutida, uma vez conseguida” (2012, p. 8). Aliás, esta estreita relação do silêncio com a educação do espírito é posta em destaque por Giacomo Tauro, quando declara: “A interioridade do homem como processo a realizar: esta é a grande tarefa da educação” (1922, p. 367). É, portanto, neste pano de fundo que se quadra o pensamento e o contributo pedagógicos de Maria Montessori (1870-1952), muito particularmente com a sua bem conhecida “Lição do Silêncio” (1965, pp. 138-142), que aqui estudamos com vista a compreender a conceção de silêncio da autora e as condições que ela estabelece para a sua exercitação pelas crianças, bem como refletir sobre a relevância atual da sua proposta numa escola focada na aprendizagem e no bem-estar de todos e cada um.

Este artigo identifica, primeiro, as vertentes essenciais do método montessoriano que enquadram a sua conceção de silêncio na educação do espírito da criança e, depois, apresenta a “Lição do Silêncio” como boa ilustração de reflexão sobre o valor educativo deste, sempre mais lato que o seu valor pedagógico-didático, sendo certo que a pedagoga italiana não tinha como primeiro objetivo a aprendizagem de conteúdos disciplinares de um determinado plano de estudos, até porque o seu público-alvo era o da classe maternal (as crianças dos três aos seis anos) e não o do ensino elementar. De seguida, acentua a complementaridade que a autora estabelece entre o sentido de interioridade e o sentido do ser, interroga-se sobre as similitudes entre a abordagem montessoriana do silêncio interior e atuais práticas de *mindfulness* e assinala uma orientação que compagina práticas de meditação, que podem evoluir em profundidade e aperfeiçoamento da mente (de que a atenção plena é exemplo), com o bem-estar interior e uma maior consciencialização por parte de professores e de alunos (Rechtschaffen, 2014).

Silêncio, ordem e autonomia no método Montessori

O pensamento pedagógico de Maria Montessori parte da psicologia e baseia-se na observação das manifestações espontâneas da criança. É a indução da observação e da experimentação, do ambiente cuidado e dos estímulos selecionados que faz jus ao adjetivo “científico” apostado ao método da pedagogia experimental desenvolvida nas *Case dei Bambini*. A sua “pedagogia científica” assenta em duas vertentes, o conhecimento da criança – ser em mutação (repentinos acessos de crescimento físico ou mental) e metamorfose (mudanças profundas que resultam desse crescimento) – e a sua *autoeducazione* (resultante das experiências efetuadas no ambiente) para a qual identifica três “circunstâncias favoráveis” ou “pontos essenciais: ambiente adequado, mestra humilde e material científico (s.d.a, p. 196). Importa aqui destacar alguns elementos importantes do método Montessori (1996, pp. 107-114) – como as noções de ordem e imobilidade, liberdade e disciplina – que dão sentido ao silêncio pedagógico e têm implicações na ação do educador.

A ordem das coisas, porque “significa conhecer a colocação que corresponde a cada um dos objetos no ambiente, recordar o lugar que corresponde a cada um” (s.d.a, p. 85), é importante para a familiarização da criança com o espaço, é condição para ela “saber orientar-se no ambiente, conhecendo-o em todas as suas minúcias” e, conseqüentemente, é importante para o seu bem-estar: “O ambiente que pertence à alma é o ambiente conhecido, aquele em que nos conseguimos mover de olhos fechados com a garantia de poder encontrar tudo o que se procura. É um local necessário para a felicidade e sossego da existência” (s.d.a, p. 85). Montessori distingue, pois, dois aspetos na “sensibilidade da criança para a ordem”: o exterior diz respeito “às relações existentes entre as diferentes partes e o ambiente” e o interior, “dando-lhe o sentido das partes do corpo que atuam nos movimentos e suas posições, (...) é o que poderíamos chamar ‘a orientação interior’” (s.d. a, p. 89). O silêncio decorre da ordem exterior e da ordem interior ou mental e esta precede a primeira: a mente da criança, ao não estar vazia nem de ideias nem de conhecimentos, necessita sobretudo de aprender a colocar em ordem as suas imagens mentais – esta “é a primeira manifestação da *ordem* do espírito que se forma: é o ponto de partida para que a vida psíquica se desenvolva, evitando os obstáculos” (1965, p. 166).

Se, nas “escolas comuns”, o estado de “ordem” vem a ser o “clima da classe que torna possível a preleção do mestre”, nas *Case dei Bambini*, essa ‘ordem média’ é normal e ‘habitual’ por vezes bastará uma simples advertência para ser obtida” (1965, p. 167), nelas “parte-se de um bom grau médio, isto é, daquele grau obtido espontaneamente mediante um trabalho individual, elevando-se cada criança a um grau superior com vista à “perfeição” (1965, p.168). Este “grau superior: um grau

ainda desconhecido” nasce a partir de uma imobilidade absoluta que é conseguida por um estado de consciência “que deve ser conduzida a controlar o menor movimento” (1965, p. 167). Neste sentido, o silêncio da imobilidade “não tem um fim prático” – até porque “suspende a vida normal, suspende o trabalho útil” (1965, p. 168) –, antes é “uma *conquista* positiva que se obtém graças ao conhecimento e ao exercício” (1965, p. 167), pelo que “é necessário ensinar as diferentes graduações de imobilidade que aos poucos levam até o silêncio completo”, fazer com que “o aperfeiçoamento sucessivo dos movimentos e a imobilidade” surjam “como que automaticamente a uma simples palavra: levante-se, fique na mesma posição, etc.” (1965, p. 286).

A ordem preconizada por Montessori induz a criança a uma autodisciplina, ainda que num primeiro momento possa tratar-se apenas de uma disciplina exterior, que tem uma influência benéfica no trabalho que as crianças fazem. O conceito de autodisciplina está fortemente associado aos de liberdade e de atividade espontânea da criança:

Aquelas crianças que, deixadas livres para escolher as suas ocupações, para fazer sem perturbação os seus exercícios, ficavam em ordem e silenciosas. Eram capazes de permanecer assim todo o tempo até mesmo quando a professora estava ausente. A conduta coletiva de harmonia social e a qualidade de suas características sem inveja, sem competição, levavam em vez disso a ajudas recíprocas e causavam admiração. Elas eram *amantes do silêncio* e o procuravam como a um verdadeiro prazer. A obediência desenvolvia-se em sucessivos graus de perfeição, levando finalmente a uma *obediência feita com prazer* (s.d. b, p 30).

Afirma ainda Montessori (1965, p. 285) que “a disciplina é (...) alcançada por *via indireta*, graças ao desenvolvimento do trabalho espontâneo” e defende que “cada um deve encontrar a possibilidade de ‘se recolher’: a atividade calma e silenciosa, cujos objetivos não são exteriores, mantém acesa essa luz interior que ilumina a nossa vida” (p. 286). Pressupõe a autora que a disciplina não se obtém com palavras – “o homem não se disciplina só com ouvir outros falarem” –, que ela deve ser exercitada e que “a preparação exige a aplicação integral de um método de educação”, de que fazem parte as “lições do silêncio” – “a imobilidade perfeita, a atenção necessária para perceber a chamada, em voz baixa, do seu próprio nome, a coordenação dos movimentos que impedem os encontros com pessoas e coisas, o caminhar silencioso” – e afiança que estas “repetidas” lições “constituem uma preparação eficaz para *aprumar a personalidade*, motora e psíquica”.

Em última instância, com todos os exercícios, baseados na ordem, Montessori esperava que a disciplina e o desenvolvimento intelectual, enquanto “frutos da vida espiritual”, fossem uma constante na vida infantil.

Exercitação do silêncio no processo de aprendizagem

Montessori apresenta o seu método pedagógico como “uma ajuda a fim de que a personalidade humana pudesse conquistar a sua independência” (s.d.b, p. 12), ou “de um meio para libertá-la das opressões, dos preconceitos antigos sobre a educação” que lhe é fornecido para libertar-se da opressão devida aos velhos preconceitos veiculados pela educação” (s.d.b, p. 12). Referindo-se à ação moderada e tranquila da mestre no ambiente educativo, a pedagoga afirma:

Os mestres humanos podem somente ajudar o grande trabalho que se faz, como os servidores ajudam o seu senhor. Agindo dessa forma, eles serão os testemunhos do desenvolvimento da alma humana e do nascimento do Homem Novo, que não será a vítima dos acontecimentos, mas terá uma visão clara para dirigir e modelar a sociedade humana de amanhã (2010, pp. 10-11).

Neste contexto, o silêncio aparece aos olhos de Montessori como um poderoso instrumento pedagógico-didático e de formação interior (s.d.b): “as crianças eram sensíveis ao silêncio” (s.d.a, p. 176). Mas este precisa de ser exercitado, pelo que a “Lição do Silêncio” visa seduzir a criança a vivenciar a quietude, a serenidade e a calma que este lhe pode proporcionar e a ele se entregar voluntariamente. Na verdade, o desenvolvimento da interioridade também faz parte da herança rica e diversificada de pensar a criança e a educação de infância. Nesse legado pedagógico integra-se, no século XX, a nossa pedagoga como uma das melhores representantes da Educação Nova. A influência do seu pensamento reflete-se no material escolar que se utiliza para os mais pequenos e o seu nome ainda hoje faz parte da designação de muitas instituições educativas que em diversos países do mundo o aplicam. Por outro lado, o seu método integra exercícios de silêncio.

Um fenómeno positivo que carece de exercitação e livre entrega

A “Lição do Silêncio” pode abranger uma classe de crianças de três aos seis anos de idade e, por ela, pode-se instituir um silêncio profundo. Este silêncio vem a ser uma conquista da criança, por um tipo de vontade muito particular estimulada pela mestra:

Neste exercício ensina-se às crianças a que não se *movam*; que inibam os seus menores impulsos motores que possam sentir a cada momento e, para incitá-los a esta imobilidade real, são iniciados previamente a observar todos os seus movimentos. O mestre não se contenta somente de dizer-lhes: ‘Fiquem quietos’, mas dá o exemplo, comportando-se ele próprio perfeitamente quieto, quer dizer, com os pés imóveis, com os braços imóveis, e com a cabeça imóvel. Os movimentos respiratórios efetuam-se também sem produzir o menor som (Montessori, 2016, p 41).

O silêncio ensina-se mediante um conjunto de exercícios, na base de um complexo de objetos (os “meios de desenvolvimento” – 1965, p. 143) que contribui para criar nas crianças, entre outros aspetos, uma capacidade de autodisciplina. A educadora pede às crianças que estejam em silêncio com ela. A educadora deve conservar-se “em pé ou sentada, *imóvel, silenciosa*” (1965, p. 139). A sua respiração deve ser calma, silenciosa e impercetível como aquela que caracteriza a meditação. Há como uma preparação para o silêncio em que as crianças sentem paulatinamente “que são *mais felizes no silêncio*” (1965, p. 139) do que rodeadas do mínimo ruído exterior, mesmo do menor ruído que elas faziam com os seus movimentos até involuntários: “É um silêncio *absoluto* em que nada, absolutamente nada, se move” (1965, p. 139). Quando a educadora se coloca imóvel no meio da sala, as crianças olham-na, observam-na, atentamente: “é como se, na realidade, *eu* [a própria Montessori] *ai não estivesse*” (1965, p. 139). Montessori insiste na imobilidade das crianças e sua vontade de manter uma imobilidade absoluta: “Dá a impressão de que, gradualmente, a vida desaparece; que a sala se esvazia aos poucos, até não haver mais ninguém nela” (1965, pp. 139-140). Mas, ainda assim, não conseguiram eliminar o ruído. À medida que o silêncio se torna mais profundo, há ruídos que antes não se ouviam e agora já são mais perceptíveis face ao silêncio criado: “Durante este exercício, o silêncio obtido é verdadeiramente diferente daquele que, superficialmente, se denomina ‘silêncio’” (1965, p. 139).

Na verdade, “o ‘silêncio’ nas escolas comuns significa ‘cessação de ruído’; a pausa de uma reação, a negação da desordem e da algazarra” (1965, p. 138), mas fazer silêncio, estar em silêncio não equivale a que se suspenda o ritmo vital ou, pura e simplesmente, suspender o ruído na sala. Contrariamente a esta atitude negativa, Montessori encara o silêncio como um fenómeno positivo, como “um ‘estado superior’ à ordem normal das coisas, como uma inibição instantânea que exige um esforço, uma tensão da vontade, que elimina os ruídos da vida quotidiana, como que isolando a alma das vozes exteriores” (1965, p. 138). Por isso, é “superficial” o silêncio que é imposto ao grupo de crianças.

Desenvolvimento da acuidade auditiva

O silêncio procurado por Montessori visa, não apenas criar um ambiente silencioso, mas também diminuir o barulho da mente das crianças: o silêncio exterior parece, na verdade, ser acompanhado do silêncio interior, ainda que a ênfase posta no silêncio exterior pareça sobrepor-se à exigência do silêncio interior. Através do exercício da acuidade auditiva, como aquele da chamada, em voz baixa, do nome de cada criança murmurado pela educadora; cada uma delas ficava maravilhada e quando ouvia o seu nome se aproximava silenciosamente da educadora. Quando ela se levantava para ir ao encontro da educadora, os “seus passos ressoavam no meio daquele absoluto silêncio, jamais interrompido graças à persistente imobilidade de todas as outras crianças” (1965,

p. 140). Depois da criança conseguir responder a esta chamada da educadora, ela atinja “um estado de emoção, de alegria e fruição do silêncio” (1965, p. 141).

Com este exercício, as crianças desenvolvem uma grande acuidade auditiva, o seu ouvido “adquire uma grande fineza de percepção de sons” e os ruídos tornam-se cada vez mais desagradáveis desde que elas “conhecem o mundo do silêncio e dos sons delicados” (2016, p. 43). As crianças aperfeiçoam-se à medida que se habituem a viver mergulhados num silêncio exterior e ficam à vontade na sua imobilidade: “A alma da criança deseja libertar-se do incómodo ocasionado pelos ruídos muito ensurdecedores que são obstáculos à paz do espírito durante o trabalho” (2016, p. 43). Correlativamente, este exercício desenvolve o espírito social das crianças dado que estas, por efeito da imitação, procuram desenvolver progressivamente “um poder inibidor crescente. (...) A qualidade desta atividade coletiva [refere-se ao exercício da chamada do nome de cada criança] aprecia-se do modo como as crianças se deslocam para não fazer ruído durante toda a duração do trabalho” (2016, p. 43).

Num outro exercício, as crianças, mergulhadas num silêncio absoluto, ouvem o tique taque do relógio e outros ligeiros ruídos que normalmente passam despercebidos ao ouvido: “Muitas começam a se interessar por um facto que até agora não lhes tinha chamado a atenção” (1965, p. 139). E, além disso, existem vários *graus de silêncio*. Neste ambiente silencioso o tique taque do relógio “parece crescer em intensidade à medida que silêncio se torna mais profundo” (p. 141). As crianças vão-se apercebendo de sons que antes não ouviam, mesmo aqueles mais fracos que vêm do pátio, e ficam maravilhadas com um tal silêncio, “como uma autêntica conquista” (p. 141).

Afirma Montessori que estes jogos entusiasмам as crianças, que seus rostos compenetrados “revelavam a fruição de um profundo prazer” (1965, p. 141). Ela insiste bastante na imobilidade e na respiração como condição de vivenciarem um silêncio cada vez mais profundo. Além disso, as crianças devem encontrar uma posição confortável, em perfeito equilíbrio, sentadas e imóveis, mergulhadas num ambiente parcialmente escuro ou, então, com os seus olhos vendados. Nesta posição e num ambiente a média luz constata-se que elas “tentam espontaneamente iniciar-se a qualquer coisa que se assemelha a um começo de meditação” (2016, p. 42): elas “observam, com a máxima atenção, cada parte do seu corpo, numa vontade ansiosa de manter absoluta imobilidade” (1965, p. 139) e, enquanto isto sucede, “o silêncio obtido é verdadeiramente diferente daquele que, superficialmente, se denomina ‘silêncio’” (p.140). Parece que “gradualmente a vida desaparece, que a sala se esvazia aos poucos, até não haver mais ninguém nela” (p. 139-140).

Trata-se de um tipo de meditação que leva a que as crianças se tornem cada vez mais calmas à medida que se observam, a ponto de “o silêncio (...) se tornar absoluto” (2016, p. 42). As crianças libertam o seu espírito à medida que se tornam “mais sensíveis às emoções espontâneas, tornadas resistentes e persistentes, em mudança, mas

serenas” (2016, p. 42). Depois de realizarem estes exercícios, as crianças ficam como mais dóceis e obedientes.

Bebé-mestre e poesia do silêncio

Montessori (1965) narra o episódio de um bebê, de quatro meses, tranquilo, parecendo personificar a paz, que muito contribuiu para “aperfeiçoar o nosso silêncio” (p. 141). Mostrando o bebê às crianças, diz-lhes que ele era um “professor”, por ser um modelo de quietude, de paz e inspirar silêncio: “As crianças estavam sérias, competidas da superioridade de seu ‘mestre’” (1965, p. 142;). Ao presenciarem a cena do bebê ao colo, qual pequeno mestre, “mesmo as crianças podem sentir a poesia do silêncio de uma pacífica vida humana nascente” (1965, p. 143). Assinala Montessori que a respiração do bebê suscitou nas crianças presentes uma “serena atitude de meditação” e um silêncio impressionante. Tendo sido precisamente deste episódio que “foi sobremaneira eficaz para aperfeiçoar nosso silêncio” (p. 141).

Este episódio ilustra como, na Lição do Silêncio, “não é mais o professor que obriga as crianças a ficarem em silêncio. Ao contrário, o silêncio é apresentado como um bem valioso e as crianças são seduzidas a silenciar por um fator intermediário, a saber, o bebê” (Verstraete, 2017, p. 509). Aborda-se o silêncio não mediante a imposição do educador, mas pela sedução que advém da experiência organizada pelo mestre e nisto reside a percepção moderna do poder da educação. Montessori, não só atribuiu um papel importante ao silêncio, como igualmente reconheceu este seu valor educativo: encara-o de uma forma positiva. Não se atém somente ao silêncio exterior, mas, pelo contrário e sobretudo, estimula as crianças a vivenciarem-no, a experienciarem as suas potencialidades e internalizarem a sua necessidade, isto é, aprenderem a saboreá-lo, a conhecê-lo a fim de melhor o afirmar em si, enquanto experiência de interioridade, e nas suas relações com os demais.

O silêncio interior tem uma afinidade com a tranquilidade, com a quietude, com o sossego, enfim com a calma da vida interior. A quietude é como uma presença totalmente recolhida que é, por sua vez, alcançada pela “arte da meditação” (Ricard, 2010). Aquele(a) que a vivencia sente-se recetivo e pronto a libertar-se do ruído da mente para se lançar em níveis elevados da consciência, onde aquele **não se faz praticamente ouvir** e é possível encontrar a quietude interior e acontecer esse estado integral de harmonia.

Atualidade da “Lição do Silêncio”

A “Lição do Silêncio” de Montessori introduz-nos na prática do silêncio, no pressuposto de que educar é indissociável de um ambiente silencioso, um ambiente em que esteja ausente o ruído exterior. Mas nela encontramos como principal preocupação

o silêncio interior, mesmo que ela não o designe assim: em Montessori, a prática do silêncio estaria mais vocacionada para aquietar a mente das crianças, pacificar as suas emoções e ajudá-las a encontrar, por exemplo, a sua verdade interior, a conhecer melhor os seus sentimentos e o seu olhar à volta delas.

Desenvolvimento da interioridade e sentido do ser

Um dos objetivos principais da “Lição do Silêncio” montessoriana é conseguir que as crianças assumam, mediante um exercício de meditação, um autocontrolo de si-mesmas para que vivenciem um bem-estar individual e coletivo, mas também um estádio de concentração propícios a uma aprendizagem integral. Esta “Lição” diz mais do que aquilo que enuncia, assim como vai mais longe do que realiza a sua prática com um dado grupo de crianças: esta “Lição” visa a formação de uma “criança nova” (Montessori, 1931) através de um silêncio que envolve consentimento, admiração, empatia, amizade fraterna, uma alma devota e discreta.

Montessori tem uma visão positiva, elogiosa do silêncio na medida em que ela o liga ao ser e ao mundo das virtudes, parecendo esquecer, ou pelo menos não tendo suficientemente em conta, o seu lado mais sombrio, perturbador ou demoníaco, quando é vivenciado como intruso e provocador de mal-estar. Ela tende a encarar a experiência do silêncio como salvífica do espírito infantil, como uma necessidade radical (física, psicológica, intelectual, moral ou espiritual) que faz da criança um ser mais equilibrado, mais harmónico, mais pacífico e mais perfeito. Mais do que colocar a tónica nos malefícios do ruído (ele enerva, deprime, impede o pensamento e a emoção), a autora prefere acentuar o silêncio protetor, tranquilizador, o silêncio que favorece o exercício do pensamento e a vivência das próprias emoções, que melhora o comportamento e o caráter das crianças. Não é, portanto, o silêncio exterior-epidérmico ou passivo que ela deseja promover na *Casa dei Bambini*, mas o silêncio interior, o silêncio que implica uma via longa, uma aprendizagem que acontece mediante uma pedagogia do silêncio, uma pedagogia que nos ensina, entre outras coisas, a aprender não só a estar em silêncio, mas a vivê-lo devotamente, a perscrutá-lo e escutá-lo (Araújo, 2019). Uma forma de aprender que é já em si um convite à meditação, à reflexão e também a que cada um vá ao encontro da sua interioridade. O silêncio interior, diríamos antes meditativo, convida aquele que a ele se entrega a visitar a sua interioridade na tradição do existencialismo cristão.

Na “Lição do Silêncio” Montessori procura religar o sentido de interioridade e o sentido do ser: referindo-se ao ser, o silêncio é um lugar de encontro e de convite à interioridade. O tempo do silêncio, quando vivenciado intensamente na sua ligação a uma interioridade viva, transforma-se em acolhimento espiritual, lugar de encontro, e sinal de reconhecimento e de referência a outro e do outro: “É na medida em que o eu

se torna atento àquilo que lhe é de mais íntimo do que ele próprio, que ele é capaz de prestar atenção a uma intimidade que não a sua” (Rassam, 1972, p. 15).

O recolhimento é considerado um dos momentos fundamentais da “Lição de Silêncio”, uma das inovações didáticas mais relevantes do método pedagógico de Montessori, e responde ao seu desejo de instituir na sala um silêncio interior, meditativo, e torná-la propedêutica a uma “escola do silêncio”, tida como “um dos melhores meios de educar-se em autodomínio” (Tauro, 1922, p. 194), de permitir que cada criança trabalhe, no sentido mais artesanal do termo, a sua interioridade em ordem à sua *trans-formação (Umbildung)*, e de a inspirar a pensar e a escutar o apelo do silêncio que a habita.

Bem-estar da criança

Na “Lição do Silêncio” transparece uma preocupação com a saúde psicossocial e com o bem-estar das crianças: ela vem a ser uma estratégia pedagógica para promover a concentração, a meditação, a compaixão solidária e a calma das crianças em idade pré-escolar, cativando-as para meditarem, até mesmo terem uma atitude de atenção focada numa dada tarefa ou sobre si-mesmas. O conjunto de orientações que lemos na “Lição do Silêncio” compreende, numa linha da “educação contemplativa” (Weare, 2019, pp. 321-326), um cuidado particular relativo à saúde mental, ao comportamento, aprendizagem cognitiva e saúde física. Todos estes aspetos visam colocar, no prolongamento do ideal puerocêntrico do movimento da Educação Nova, o aluno e sua atenção plena autorreflexiva no centro do processo de ensino e aprendizagem. Como refere Pieter Verstraete (2016, p. 67), Montessori encontra uma saída para a tensão entre, por um lado, a autoridade educativa e, por outro, a ênfase da liberdade da criança, substituindo “o silêncio incómodo do sistema escolar desatualizado (...) por uma atividade alegre e lúdica em que as crianças se tornam responsáveis pela sua própria atividade”, onde não é já o professor que pede ou ordena às crianças que fiquem em silêncio: a mestra está presente, mas “parece ter-se tornado o pano de fundo no qual a atividade educativa ocorre”.

A “Lição do Silêncio” ocupa um lugar original na obra pedagógica montessoriana, atendendo a que o silêncio não se reduz a mero recurso pedagógico-didático para estimular cognitivamente a aprendizagem dos alunos, mas antes centra-se numa prática individual e de grupo que, através do recolhimento espiritual, visa um desenvolvimento e um bem-estar pessoal do tipo *mindfulness* em que o indivíduo, através de diversos exercícios de meditação, é suposto atingir um estágio de atenção plena, de compaixão e de tranquilidade (Armstrong, 2019). Montessori pretende ir mais longe do que implementar, num ambiente silencioso e tranquilo, um conjunto de atividades correspondentes às “aplicações pragmáticas da meditação”, a abordagem de mais fácil acesso que os níveis da via profunda da *mindfulness* (Goleman & Davidson, 2018, p. 9), porquanto

o “silêncio profundo”, de que fala, pretende ser total: a faceta exterior vem a ser condição necessária, ainda que não suficiente, para, por exemplo, criar nas crianças “uma capacidade de autodisciplina” (Montessori, 1965, p. 138), essa “disciplina espontânea”, esclarece a pedagoga “foi a base de todos os resultados assombrosos, como a explosão da escrita e tantos outros progressos que se manifestaram em seguida” (s.d.b, p. 35). É a capacidade de autodisciplina que as levará a atingirem “um estado de emoção, de alegria e fruição do silêncio” (1965, p. 141), bem como a desenvolverem a ordem mental mediante uma atividade meditativa e de desenvolvimento da atenção, de recolhimento, de concentração, do cuidado com o outro (Lees, 2012, p. 104).

Elevação espiritual

O silêncio total a implementar na “Lição” de Montessori não é a um fim em si mesmo, como seria o silêncio imposto pelos professores (e pelas prescrições dos regulamentos escolares) com vista a garantir um ambiente tranquilo de aprendizagem, descurando, contudo, o tempo e ritmo de fala do aluno. A autora aprecia o silêncio para fomentar a disciplina e mesmo a ordem mental e motora das crianças, a avaliar pela passagem da sua *Pedagogia Científica* em que trata da “elevação” espiritual da criança (1965, p. 167-170). Mas esta está para além das técnicas e estratégias centradas no aumento da atenção e do desenvolvimento da consciência. Trata-se é certo, de *aprumar a personalidade*, a motora e a psíquica, podendo “favorecer tal disciplina mediante repetidas ‘lições do silêncio’” (1965, p. 285). Mas trata-se também do aperfeiçoamento espiritual, que resulta daquilo que a autora designa como “ordem média”: o silêncio é o ponto de partida para a “elevação espiritual” e esse ponto de partida é ajudado por aquilo que ela denomina de “silêncio de imobilidade”, o qual ao suspender a vida normal, suspende o trabalho útil e, como tal, não tem nenhum “fim prático”:

O alvo visado [o silêncio absoluto] não é somente um silêncio aproximativo e uma relativa imobilidade; mas uma perfeição, gradualmente adquirida, de tal modo que não se ouça nenhum barulho, nenhum som de voz, nenhum ruído com os pés, mãos ou respiração. O silêncio absoluto equivale a uma absoluta imobilidade. Nós, entretanto, consideramos o silêncio antes como um dos exercícios sensoriais (1965, pp. 90-91).

Esta suspensão da vida comum eleva, por conseguinte, “o indivíduo a um nível superior”, pelo que “não é a utilidade o que se procura, mas sim uma conquista” do tal “grau superior” e, por isso, podemos afirmar que o silêncio total tem como horizonte último “a perfeição”, que, contudo, “jamais seria alcançada” se “não existisse, na criança, ‘sob a forma de uma necessidade”, uma tendência que torna possível essa elevação” (1965, p. 168). Não sendo a elevação estranha às crianças, cumpre aos

adultos ajudá-las nessa elevação, “dar-lhes mais do que elas seriam capazes de adquirir com as suas próprias forças, (...) dar-lhes uma filosofia das coisas” (1965, p. 169), a partir da qual a criança, usando a sua capacidade mental, consegue apreender as ideias abstratas, essas “concepções sintéticas do espírito tornadas independentes das coisas reais” (1965, p. 169). A partir desse nível de abstração, ela coloca-se em condições “de atingir a mais elevada conquista de que o seu espírito é capaz” (1965, p.170).

Conclusão

O ambiente, o método pedagógico e a ação da mestra contribuem para estimular a reflexão, a concentração e a meditação da criança. O importante aos olhos de Montessori era desenvolver, na base da conduta disciplinada, a disponibilidade da criança para contemplar a beleza, a harmonia e a ordem das coisas. A disciplina e a concentração interiores são fomentadas pelo silêncio e pelo trabalho intelectual livre, do qual resulta o hábito de meditar metodicamente e de formar paulatinamente a sua personalidade moral anunciadora já do seu homem interior em que ela se tornará.

Educar na base do silêncio pressupõe já toda uma filosofia educacional que aposta na ordem, na beleza interior ligada à quietude e paz de coração. Uma relação pedagógica sensível que treina a atenção plena das crianças e é, por isso, que a autora, de certo modo, pode ser considerada pioneira da educação *mindfulness* (que significa libertação da mente e atenção plena). Em Montessori, trata-se de um ambiente de ordem e de calma que privilegia a relação direta, sensível e disciplinada com as crianças: uma disciplina e uma ordem exteriores que, para ela, é sempre o reflexo de uma ordem interior: “Para aprender, tem de haver atenção, e atenção é ordem; não que se imponha ordem na ordem, para estar atento, mas o próprio ato de aprender exige atenção” (Krishnamurti, 2021, p. 115). Mais do que impor a ordem de fora para dentro, a pedagoga incentiva as crianças procurarem a ordem quer interior, quer exterior: “É esta ordem, nascida da sensibilidade e da inteligência, que liberta a mente de qualquer resistência” (Krishnamurti, 2021, p. 122).

Ao conjugar em termos de complementaridade o sentido de interioridade e o sentido do ser, Montessori conduz o conceito de silêncio para a sua dimensão ontológica e aponta para uma inteligência espiritual que, não sendo necessariamente capturada no campo das religiões, na autora está imbuída de uma linguagem cristã, apresentando a criança como reflexo do Cristo redentor (s.d.a, p. 36), à qual cabe aperfeiçoar-se e aperfeiçoar o mundo, isto é, “continuar o mundo” que criamos e fazê-lo “caminhar para um progresso superior ao nosso” (s.d.a, p. 46).

Referências Bibliográficas

- Araújo, A. F. (2019). Do silêncio como via longa. Contribuição para uma pedagogia do silêncio. *Revista Lusófona de Educação*, 46, 25-40. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle46.02>.
- Armstrong, T. (2019). *Mindfulness in the Classroom. Strategies for promoting Concentration, Compassion and Calm*. ASCD.
- Breton, Ph., & Le Breton, D. (2009). *Le silence et la parole contre les excès de la communication*. Arcanes.
- Caranfa, A. (2004). Silence as the Foundation of Learning. *Educational Theory*, 54, (2), 211-230. <https://doi.org/10.1111/j.1741-5446.2004.00015.x>
- Goleman, D., & Davidson, R. J. (2018). *Traços Alterados*. Círculo de Leitores.
- Krishnamurti, J. (2021). *Como pode a mente estar quieta?*. Cultura Editora.
- Lees, H. E. (2012). *Silence in schools*. A Trentham Book/Institute of Education Press.
- Montessori, M. (1931). L'Enfant Nouveau. *La Nouvelle Éducation*, 96, 102-110.
- Montessori, M. (s.d.a [1949]). *A Criança*. Portugalíia Editora.
- Montessori, M. (s.d.b [1949]). *Formação do Homem*. Portugalíia Editora.
- Montessori, M. (1965). *Pedagogia Científica. A Descoberta da Criança*. Livraria Editora Flamboyant.
- Montessori, M. (1996). *L'éducation et la paix*. Desclée de Brouwer.
- Montessori, M. (2003 [1947]). *Éduquer le potentiel humain*. Desclée de Brouwer.
- Montessori, M. (2010 [1947]). *Éducation pour un monde nouveau*. Desclée de Brouwer.
- Montessori, M. (2016). *Le Manuel Pratique de la Méthode Montessori*. Desclée de Brouwer.
- Picard, M. (2019). *Le monde du silence*. Éditions La Baconnière.
- Rassam, J. (1972). Le Silence. *Revue de l'Enseignement Philosophique*, 5, 11-31.
- Rassam, J. (2017). *Le silence comme introduction à la métaphysique*. Artège Lethielleux.
- Rechtschaffen, D. (2014). *The Way of Mindful Education. Cultivating Well Being in Teachers and Students*. W. W. Norton & Company.
- Ricard, M. (2008). *L'Art de la Méditation*. NIL.
- Tauro, G. (1922). *Il Silenzio e L'Educazione dello Spirito*. Albrighi, Segati & C.
- Verstraete, P. (2016) Lessons in Silence: Power, Diversity, and the Educationalisation of Silence. *DiGeSt. Journal of Diversity and Gender Studies*, 3, (2), 59-74. <https://doi.org/10.11116/jdivegendstud.3.2.0059>
- Verstraete, P. (2017). Silence or the sound of limpid water: disability, power, and the educationalisation of silence. *Paedagogica Historica*, 53, Issue 5, 498-513. <https://doi.org/10.1080/00309230.2017.1296475>
- Weare, K. (2019). Mindfulness and contemplative approaches in education. *Current Opinion in Psychology*, 28, 321-326. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2019.06.001>

Alberto Filipe Araújo

Professor Catedrático Aposentado
Universidade do Minho - Instituto de Educação
Email: afaraujo@ie.uminho.pt
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4693-8681>

Joaquim Machado de Araújo

Professor convidado
Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Educação e Psicologia
– Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano.
Email: jmaraujo@ucp.pt
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1875-9640>

Correspondência

Alberto Filipe Araújo
Universidade do Minho. Instituto de Educação. Campus de Gualtar,
4710-057 Braga – Portugal

Data de submissão:

Data de avaliação:

Data de publicação: agosto 2023